

Caxias: atitudes e virtudes de um líder militar

Gen Ex R1 Francisco Roberto de Albuquerque *

Com satisfação colaboro para os objetivos do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), parabenizando-o, de imediato, pela criação da Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM), ressaltando a importância do assunto no preparo dos profissionais de uma Força Armada de qualidade. Ao longo dos 53 anos em que vesti nosso uniforme, pude analisar as várias capacidades que levam ao sucesso de um chefe militar. Por comprovação, sou convicto de que o mais importante é a da liderança, pois, certamente, sem tal atributo, o chefe militar não conseguirá conduzir sua equipe ao pleno cumprimento da missão.

A capacidade de liderar constitui-se numa das condições fundamentais para o desempenho da profissão militar. Observa-se que a liderança, evidenciada em diversos acontecimentos da história militar – do mundo e do Brasil –, é tema de várias pesquisas e estudos que objetivam desenvolver e aprimorar as competências dos profissionais na arte de conduzir mulheres e homens. Tanto nas atividades administrativas, visando à busca e conquista de resultados, como, especialmente, nas missões operacionais, quando há o risco de morte por razão da natureza do emprego da tropa, verifica-se que a prática da liderança é necessária para desenvolver, manter e aprimorar a unidade de comando e a coesão entre os militares.

* General de exército R1, graduou-se aspirante a oficial de artilharia em 19 de dezembro de 1958. Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e formou-se também em economia política pela Faculdade de São Paulo. Exerceu a função de comandante do 2º Grupo de Artilharia de Campanha e foi oficial do Gabinete do Ministro do Exército. Como general, comandou a 11ª Brigada de Infantaria Blindada, foi secretário-geral do Exército e comandante militar do Sudeste. Como general de divisão, foi o coordenador da missão de observadores militares no Equador-Peru. No comando do Exército (2003-2007), chegou a ser recebido pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan, para tratar de assuntos relativos à presença das tropas brasileiras no Haiti. No exterior, exerceu a função de chefe da Comissão do Exército Brasileiro em Washington e adido militar da Embaixada do Brasil em Washington.

Várias são as competências utilizadas para o exercício de uma liderança eficaz. Ao longo da minha carreira, a experiência mostrou-me que o aspecto principal para o emprego dessa qualidade militar chama-se exemplo, pois somos, constantemente, observados por aqueles que nos seguem, em especial o nosso comportamento ético. Pode-se afirmar que o sábio ditado “as palavras convencem, mas o exemplo arrasta” traduz a ideia essencial para a prática da liderança militar.

Nossos subordinados, frequentemente, nos analisam em relação às tomadas de decisão, à clareza das ordens que emitimos e ao tratamento justo e ético que lhes damos. Além disso, nossos comandados também nos observam em relação ao conhecimento técnico-profissional, cultura geral, persistência, inteligência emocional, capacidade de direção e controle e iniciativa, os quais, certamente, potencializam a nossa capacidade de liderança. Esse conjunto de características tem o intuito de desenvolver o espírito de corpo, amalgamando os vínculos entre os militares para conquista do pleno êxito no cumprimento de nossas diversas missões.



Fonte: eb.mil.br

O exercício da liderança na carreira militar é dinâmico. Ao longo de minha permanência na ativa, pude verificar que, nos diferentes postos e graduações, o líder demonstra sua ação de comando de maneiras diversas. Por exemplo, quando no início da caminhada profissional, seja como oficial subalterno e 3º sargento, a liderança exercida é dirigida, diretamente, ao soldado do pelotão ou seção e pode ser demonstrada por meio da apresentação individual, da resistência física e da iniciativa. Já na fase como oficial superior e 1º sargento, atributos como conhecimento técnico-profissional, comprometimento e capacidade de direção e controle conseguem demonstrar melhor o exercício da liderança perante os subordinados.

Ressalta-se que o Exército Brasileiro, em suas diversas escolas e unidades, sempre priorizou o ensino e o exercício relacionados aos conteúdos sobre chefia e liderança. A atitude do DECEX, criando a ALVM, confirma essa visão. Assim, mantém a tradição de ensinar e desenvolver, desde o ingresso da vida militar, os conhecimentos necessários à prática que fortalece o espírito da liderança.

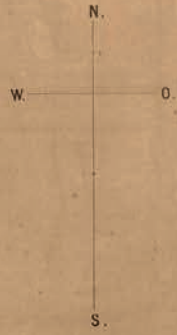


Carta dos combates do mez de Dezembro 1868.



Distancia 1:75000.

M. 1000 200 0 1 2 3 Kilom.



Carta dos combates do mez de dezembro 1868
L. H. W. Green
Fonte: bndigital.bn.gov.br/acervodigital

No período em que me encontrava no comando do Exército Brasileiro, na oportunidade em que estive reunido com alguns comandantes de Exército do chamado Primeiro Mundo, pude escutá-los dizer que a nossa Força Armada se enquadrava entre as 10 melhores dentro de um cenário internacional. Estou certo de que o leitor concordará que tal posição não se aplica apenas em relação ao tipo, qualidade e quantidade de material militar que empregamos, pois nossos recursos são limitados, mas, sobretudo, deve-se ao preparo e à capacidade de nossas mulheres e homens, sobressaindo-se o exercício de uma liderança eficaz.

Exemplos de liderança não nos faltam como ensinamento e motivação. A vida e conduta do nosso patrono, marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, enriquece a nossa história militar. Destaca-se a atitude do marechal por ocasião da Batalha de Itororó, durante a Guerra do Paraguai, na ultrapassagem da ponte de mesmo nome, a qual se encontrava fortemente defendida pela tropa inimiga. Naquela ocasião, essa ultrapassagem era imprescindível na busca pelo êxito no combate. Dessa feita, após inúmeras tentativas infrutíferas, com perdas de vidas, Caxias apercebeu-se da situação e, montado em seu cavalo, desembainhou a espada e, colocando-se à frente de seu Exército, bradou: “Sigam-me os que forem brasileiros!”. Essa atitude mudou completamente o ambiente da batalha, fazendo com que as tropas inimigas entrassem em pânico e passassem a debandar.

Após o sucesso de Itororó, seguiram-se as conquistas de Avaí, Lomas Valentinas e, finalmente, Assunção. Na Batalha de Itororó, a atitude de Caxias protagonizou um dos exemplos mais marcantes de liderança ocorridos em nossa história. Ressalte-se que os demais patronos das armas, quadros e serviços, durante o transcurso de suas vidas e, especialmente, no emprego em combate, mostraram-se como arquétipos, ícones da liderança militar da nossa Força, caracterizando-se como modelos de conduta aos nossos oficiais e praças na condução de seus subordinados. Pode-se afirmar que nossos patronos, por meio do exercício da liderança, contribuíram para manutenção da invencibilidade do nosso Exército ao longo do tempo de sua existência.

“

Figuras como a do general Otávio Costa, do sargento Max Wolf Filho e do aspirante Mega fortalecem a imagem do líder militar em nossa Instituição. Na oportunidade da aula inaugural do general Otávio Costa, na Academia Militar das Agulhas Negras, ele discorreu sobre a carreira militar e a nobre missão que os cadetes, futuros oficiais, teriam ao longo de suas vidas.

Na palestra, várias foram as abordagens como: empatia e respeito; dedicação e abnegação; sentimento do dever; lealdade e amor à verdade; exercício da justiça e tornar-se um exemplo, momento em que projeta a seguinte frase: “observai os líderes, como são, como agem, para onde vão, e segui seu exemplo”.

”



Caderno de Liderança 1
Gen Octávio Costa



Caderno de Liderança 2
Sgt Max Wolf Filho



Caderno de Liderança 3
Asp Mega

Não menos marcante são os feitos deixados pelo sargento Max Wolf Filho, herói de guerra. Ele representa o modelo de liderança direta como integrante de um pelotão denominado “Especial” durante a campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), no teatro de operações da Itália, na Segunda Guerra Mundial. O segundo volume dos *Cadernos de Liderança Militar*, editados pelo Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), divulga e analisa, com propriedade, a vida e o legado de Max Wolf, tornando-se uma verdadeira “Bíblia” para nossos graduados. Nessa mesma direção, segue o número destinado ao aspirante Mega, que nos proporciona pensar a liderança exercida pelos jovens oficiais num ambiente caótico de guerra.

Ao encerrar as presentes colocações, quero externar minha satisfação por ter sido incluído no “Grupo dos Eternos Comandantes”, pelo general Lancia. Na oportunidade, valendo-me da experiência que adquiri ao longo dos anos de serviço, e mesmo após, deixo a seguinte mensagem aos irmãos de armas: “Julgo de extrema e vital importância alertar os integrantes da Força, nossos oficiais e graduados, para o imperativo fomento da coesão, no âmbito da instituição, sem a qual não será possível criar o ambiente necessário para o exercício da liderança, que, conseqüentemente, inviabilizará o cumprimento da missão que a história sempre nos impõe”.

Espero que as reflexões de um velho soldado possam contribuir para a consecução dos objetivos dos *Cadernos de Liderança Militar*, publicação que se revela como importante instrumento no processo de formação de futuros líderes, bem como para o desenvolvimento de capacidades voltadas para o exercício da liderança de nossos militares.





O Primeiro Passo para a Independência da Bahia
Antônio Parreiras, Palácio do Rio Branco, Salvador, Bahia